

A ARTE DA PESQUISA SOCIAL E O PESQUISADOR

Manuel Diégues Júnior
Sociólogo - Antropólogo

A nenhum de nós é estranha, ou pode ser estranha, a observação de que na pesquisa social há que se acentuar, antes de tudo, o que nela existe de arte. Talvez mais propriamente de arte que do emprego frio de uma técnica ou o conhecimento aprofundado de um método. É que na pesquisa social nem sempre podemos isolar uma disciplina, e nela baseada realizar o trabalho. A arte da pesquisa social talvez se enriqueça justamente nisso: fazer da pesquisa social uma arte.

Cabe reconhecer que há relação não apenas íntima, mas sobretudo essencial, entre as disciplinas que estudam o homem; e daí, sob um aspecto, a arte de saber relacioná-las na pesquisa, ou, quando menos, no planejamento do que se deseja fazer. De fato, há nestas disciplinas tal aproximação que a rigor não se isolam: interligam-se; não se ignoram: completam-se; não se distanciam: interpenetram-se. Daí o destaque que vem sendo dado, em nossos dias, à pesquisa interdisciplinar (*) e não apenas à pesquisa multidisciplinar. Cada vez mais as disciplinas sociais ou humanas se interpenetram no conhecimento, hoje suficientemente científico, da unidade do homem — do homem considerado temporal ou especialmente como ser físico, pela natureza de sua individualidade, e como ser social, pelo condicionamento cultural do ambiente em que vive e forma sua personalidade. E mais: unidade que ressalta essencialmente o seu espírito criador transformando o espaço para criar a sua vivência no tempo.

No que poderíamos encontrar, ainda aí, a arte da pesquisa social. O pesquisador não pode isolar-se na dimensão histórica; nem pode ignorar a contribuição que a Antropologia ou a Sociologia ou outras disciplinas igual-

mente sociais ou humanas lhe podem oferecer. E mais: há a recíproca — a pesquisa antropológica ou sociológica não dispensa a contribuição que o conhecimento histórico lhe pode dar.

Afinal de contas, a pesquisa social — dentro da visão histórica, ou pela análise antropológica, ou pelo disciplinamento sociológico — é sempre, pelo que o pesquisador seja capaz de fazer, uma arte. Sempre uma arte. Uma arte em que o pesquisador social oferece tudo de seu espírito criador, e não apenas de seu conhecimento científico, não inventando, mas interpretando as peculiaridades do fato pesquisado; uma arte ainda pela maneira de tratar o objeto ou pela atenção que dá ao assunto.

Uma arte, também, pelo carinho com que deve usar seu instrumental e pela maneira como tratar o fato pesquisado. A pesquisa constitui sempre esta arte — arte em que mais que o próprio saber, ou os saberes utilizados, predomina a acuidade pessoal, a personalidade criadora e sobretudo a expressão com que se constrói uma idéia. E uma idéia é sempre uma arte; pelo menos a arte de saber apresentá-la. E usá-la.

De outra parte, cabe considerar a maneira de ver o fato em observação, sobretudo sentindo ou compreendendo que o fato observado nunca está solto no espaço, isolado ou abandonado. Está sempre relacionado com outros fatos. Quando se trata de fato social, que é sempre uma parte, um elemento, uma parcela de um conjunto, ainda mais ressalta. O social é, aliás, já por si mesmo um todo; o econômico ou o político, o religioso ou o doméstico, não existem independentemente e sozinhos, embora possam ser isolados para fins analíticos, mas socialmente interligados, superpostos, unidos, não como grupo em contato, mas como integração da própria vivência humana. Vivência em sociedade, em particular.

Lembro, por oportuno, uma observação de meu saudoso amigo Jorge Dias; com uma ampla visão humanística do estudo social, lembrou, em um

(*) Não só Christopher Hoper destacou ter havido pioneirismo no Brasil em relação a pesquisas não só abrangentes (multidisciplinares) porém especificamente interdisciplinares: o método de uma ciência especial penetrado por outro. Também o crítico igualmente inglês, Gilbert Phelps, em conferência na famosa BBC de Londres, depois resumida pela revista *The Listener*, de fevereiro de 1972, destacou o fato, citando o emprego, já há anos, por cientistas sociais do Brasil, daqueles métodos interpenetrados e, por conseguinte, interdisciplinares, tais como o da "Sociologia genética" (ou histórica) ou da "Sociologia psicológica", além do histórico alongamento em antropológico. Referiu-se à antecipação, nesse interdisciplinismo, que, pelos próprios antecipadores, vinham sendo comparadas às de Picasso, interdisciplinar nos métodos que usava interpenetrantemente como pintor complexo. E concluiu que tal interdisciplinismo vinha operando no Brasil de "modo soberbo" ("superbly").

São várias as pesquisas sociais assim interdisciplinares já realizadas pelo Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais.

de seus ensaios, que o homem, como fenômeno humano, é múltiplo e variável, embora um todo complexo formado de inúmeras facetas a serem analisadas uma a uma e em seu conjunto. O que nos leva a considerar que, em nenhum estudo e sobretudo em estudo social — o homem pode ser fixado apenas em sua época; ou em sua situação temporal. Na realidade, porque é múltiplo e, ao mesmo tempo, complexo, não pode o homem ser ignorado em suas outras dimensões, tão associadas elas se apresentam para formar aquilo que ele exatamente e integralmente é: uma unidade.

Daf não se pode esquecer ou desprezar esta relação entre os fatos humanos, na complexidade do que é o homem, na variedade de suas facetas. Nenhum acontecimento — nem mesmo o acontecimento chamado histórico — é único. Produziu-se em relacionamento com outros, com outras atitudes, com contatos que muitas vezes parecem superficiais e quando menos inexistentes; na realidade, produziram e construíram o fato que passa a ser histórico. E como histórico, enquadrado no tempo e como reflexo do espaço onde se produziu. O que leva, assim, a arte da pesquisa a ser também uma arte de perfcia: da boa perfcia na observação. O pesquisador social se torna um perito de certo modo como o jornalista, como o detetive, como o plantador de semente. Sobretudo como o clínico, e não o especialista. O clínico capaz de ter a perspicácia de ir a todos os aspectos no tema ou no campo de sua investigação, para melhor identificar o relacionamento existente; e não de deter-se num aspecto e nele aprofundar-se, esquecendo a relação deste aspecto com outros aspectos da vivência social.

Não ser o especialista que só vê o que lhe interessa como que isolando dos outros aspectos que compõem o todo social. Mas ser o clínico capaz de conhecer todo o conjunto e diagnosticar o organismo social sem prejuízo — é evidente — de identificar a parte doente. Ou a moléstia que atinge um aspecto social, mas que pode alastrar-se aos outros aspectos do conjunto. Da sociedade ou do humano que constitui a vida social.

Donde se concluir que na pesquisa social, compreendendo o que é histórico, o que é antropológico, o que é econômico, o que é sociológico, por exemplo, nada é simplista. Nem simplista, como que inocente de seu próprio ambiente, pode ser o pesquisador social.

Daf outra maneira de encarar o que há de importante na pesquisa social para o pesquisador. Não se formou ainda entre nós uma tradição fortemente prestigiadora da pesquisa social. Quando se fala em pesquisa científica, quase sempre, ou sempre, se refere tão só ao campo das ciências físicas e naturais, também chamadas ciências exatas. Estas cresceram seu prestígio com o desenvolvimento da tecnologia, quando se perdeu de vista o elemento fundamental no próprio contexto tecnológico, que é o homem.

A carência desta tradição em pesquisa social faz mesmo com que ela seja mais individualizada que associada; com ela, procura-se antes o encon-

tro de uma solução imediata que a prática desinteressada ou a experiência aplicada visando a alcançarem-se certos princípios. De modo particular, pode-se dizer que a pesquisa social, não tendo criado ainda uma tradição, não consegue resolver problemas ou situações, embora possa indicar ou sugerir o que se deve fazer para essa solução.

Se não temos ainda uma pesquisa social tradicionalizada, e, conseqüentemente, com ambiente prestigiado a seu maior desenvolvimento, muito menor é a tradição da pesquisa interdisciplinar. Aliás, esta carece de tradição, porque, a rigor, ainda não se criou o hábito de praticá-la no Brasil. Se a própria pesquisa social, desinteressada, acadêmica, objetiva, ainda não criou o seu necessário ambiente, e não raro até se tornou suspeita, a **pesquisa interdisciplinar tem existência precária**; ou melhor, praticamente não existe, muito embora já se pratique a pesquisa multidisciplinar. É que a pesquisa interdisciplinar, tal como deve ser, tal como é necessário realizá-la, tal ainda como são suas normas e seus preceitos, exige dos pesquisadores um entrelaçamento estreito, uma renúncia a métodos próprios, a fim de conjugarem numa técnica única as diferentes especialidades.

Esta existência ainda precária da pesquisa interdisciplinar, que reflete, em parte, a própria precariedade, entre nós, da pesquisa social em geral, evidencia a existência de numerosos problemas que, envolvendo o próprio pesquisador social, contribuem para que não exista ainda uma experiência capaz de ser indicada ou sugerida como exemplo do que se deve fazer ou do que não se deve fazer. que se deve fazer ou do que não se deve fazer.

Estamos falando do caso do Brasil. Não falamos em tese, como um princípio; mas especificadamente nos voltamos para o caso brasileiro. A pesquisa social entre nós é relativamente recente, ao contrário da pesquisa em ciências físicas e naturais que já criou uma tradição, inclusive de prestígio internacional, como testemunham o Instituto Oswaldo Cruz ou o Instituto Butantã, para nos limitarmos a esses exemplos.

Não é de hoje a idéia de que, na arte da pesquisa social, se inclui o indispensável relacionamento das disciplinas consideradas ou chamadas sociais; é um conceito que já encontramos entre idéias não de hoje, mas representativas de um pensamento social no Brasil, anterior ao nosso tempo.

Creio que poderíamos retroceder tal iniciativa, na época então pioneira, em idéias de Sílvio Romero: em 1880, em sua tese sobre "Interpretação filosófica dos fatos históricos", mostrava Sílvio Romero clara tendência para estabelecer o relacionamento entre sociedade e cultura, isto é, o fato histórico não isolado dos elementos que o criaram, nem separado das condições da sociedade em que aparece. Saliente-se que àquele momento — 1880 — o conceito de cultura, no que hoje consideramos em sentido antropológico ou sociológico, fora lançado por Tylor constituindo-se uma quase no-

vidade de nove anos apenas. Quase ignorado o conceito; ainda não devidamente aceito como valor científico. Pelo menos, para a ciência de então.

Depois de Sílvio Romero é evidente que em outros autores a reflexão sobre este relacionamento estende-se, aprofunda-se, cientificamente aceita. Em parte é o que fez Euclides da Cunha com *Os Sertões*; o que faria, também em parte, Roquette Pinto ao estudar o indígena brasileiro; e antes dos dois, já então com algum pioneirismo, embora nem sempre reconhecido, Nina Rodrigues ao estudar aspectos psíquicos e religiosos do elemento negro no Brasil — O que iria — este relacionamento de estudo histórico com o elemento antropológico, sociológico e ecológico — tornar-se fundamental em obra que, pela natureza em que situou este relacionamento, se tornaria marco básico nos estudos sociais no Brasil: **Casa Grande & Senzala**.

É com esta obra, aparecida em 1933, que Gilberto Freyre assinalou a importância de revestir o estudo histórico não isolado do que representa cultural ou socialmente o homem fazendo história; no caso, do homem surgido no Brasil, pela fusão de representantes de três grupos étnicos, num meio ecológico que se caracterizava pela influência de condições tropicais — de um trópico seco, o do Nordeste litorâneo, que com a expansão de povoamento se alongou a outro trópico — o trópico úmido da Amazônia.

Parece-nos que devemos fixar em **Casa-Grande & Senzala** a experiência de uma pesquisa histórica não alongada, mas envolvida, nos valores culturais e num quadro social produzidos, aqueles e este, pelo relacionamento através do tempo entre homens, culturalmente diversos, que se reuniram no território brasileiro, a partir da primeira metade do século XVI. Obra que, se abriu esta experiência nos próprios estudos históricos no Brasil, representou também um momento de formação nos estudos sociais no Brasil: formação que permite dizer que estes estudos entre nós se assinalam como antes e depois de **Casa-Grande & Senzala**.

Apesar de tudo o pioneirismo desta obra, apesar do marco que ela representa, apesar da influência exercida por **Casa-Grande & Senzala**, apesar de tudo isto, afigura-se-me que o ponto mais significativo deste relacionamento — o da pesquisa histórica com os aspectos ecológicos, antropológicos e sociológicos, — está não em **Casa-Grande & Senzala**, mas em **Sobrados e Mucambos**. Gilberto Freyre situa nesta obra os primeiros elementos de sua tropicologia, não restritamente lusotropicologia ou iberotropicologia, mas exatamente a tropicologia do tempo histórico na sua expressão social, na sua significação ecológica — e sobretudo no assentar o que caracteriza, em valores culturais e sociais, o tempo histórico de um período também histórico: o da transição do Brasil colônia para o Brasil independente; o do Brasil vice-reinado para o Brasil império; o do Brasil rural para Brasil urbano.

Chegaria aqui a um quase devaneio em assunto que não estaria muito fora do nosso tema: a Tropicologia — devo acrescentar — seria não apenas um campo, mas essencialmente uma disciplina, em que este relacionamento se situa de maneira precisa. Porque como tropicologia não se restringiria este estudo a um aspecto, mas especificamente ao homem situado, em face das influências históricas, culturais, sociais, num envolvimento caracteristicamente ecológico: o tempo histórico situado no tempo ecológico, que por sua vez seria o produto da vivência do homem em seu tempo social. Em resumo: o homem integralmente conhecido e compreendido no papel de criador de cultura num meio que ele constrói fazendo o seu ambiente. O homem temporalmente ecológico; o homem ecológico criador.

Não é outra — creio — a idéia básica, o fundamento essencial, da Tropicologia, no sentido em que Gilberto Freyre, mestre maior de todos nós, a criou, como conceito, e não apenas como disciplina, para o estudo do homem situado. É sobretudo a experiência deste viver do homem que a Tropicologia ou, no nosso caso, o lusotropicalismo, pode indicar. Não faz muito tempo o mestre sempre admirável e já hoje em nossa saudade, Roger Bastide, salientava importante para o estudo do processo de aculturação nos trópicos o exemplo do contacto ou, melhor, de relações do luso com populações ameríndias, africanas ou asiáticas, como padrão ou modelo de integração entre grupos diferentes. Nele, no luso tropicalismo e não na estreita idéia, talvez puramente política, de negritude, encontrava o mestre francês a verdadeira apologia da dupla integração ou amálgama, ou seja de culturas possivelmente "marginais" em relação às vezes à cultura ocidental ou às culturas indígenas.

Se me permito pedir atenção para este ponto — o da Tropicologia — é que para os estudiosos do assunto se trata de temática relevante, se considerarmos a nossa região — o Norte e o Nordeste do Brasil — em que a pesquisa social tem, e sobretudo deve, de levar em conta justamente esta situação natural. A vivência de nossa gente, no Norte e no Nordeste, está marcada pela influência tropical, o que quer dizer um condicionamento que resalta, nesta pesquisa, o papel do homem situado.

De modo que aí colocamos o elemento essencial que nos permite situar o homem como centro de pesquisa; é que não vive ele isolado numa ou noutra das dimensões já referidas, mas ao contrário integrado, no tempo e na cultura, no espaço e na sociedade, na criação e na participação, como uma só unidade. É isto porque nenhum fato, na vida do homem ou na sociedade, é isolado; está sempre relacionado com outros; participa de uma conjugação em que facetas diversas devem ser estudadas e observadas. Resulta daí observarmos — e insistamos neste ponto — que mesmo a pesquisa histórica não isola, nem pode isolar, o fato em si próprio. Antes, deve relacionar este fato com outros fatos, e estabelecer no quadro da sociedade em que se manifestam estes fatos, a totalidade do comportamento humano — o que quer dizer: a própria vida em sociedade.

Do que até aqui tenho tentado expor, evidencia-se que os problemas que envolvem a pesquisa social são numerosos. O primeiro deles: a situação do próprio pesquisador social. Não temos ainda devidamente sedimentada formação de pesquisador. A partir da década de 30 quando se criaram os primeiros núcleos de ensino superior em ciências sociais, no Rio de Janeiro e em São Paulo, ensina-se a metodologia e técnica de pesquisa, mas não se aplica na prática, com a obrigatoriedade necessária, o conhecimento adquirido. O estudante aprende os métodos teoricamente, sabe as técnicas e o que representam, mas não é levado ao campo para aplicar os conhecimentos adquiridos através da exposição de professores.

A esta carência de formação do pesquisador, outro problema há a acrescentar, em parte dela mesmo decorrente: a falta de pesquisadores experimentados. Quer dizer, quando se planeja uma pesquisa social, é difícil encontrar pessoal já apto para o trabalho de campo. O primeiro passo então é preparar o pessoal necessário, de certo modo quase sumariamente, ou apressadamente, embora em condições que permitam a execução da tarefa da melhor maneira, e até certo ponto mais rapidamente, tendo em vista as próprias condições de pesquisa. É certo que hoje existem, não apenas em Universidades, cursos de metodologia e técnica de pesquisa, mas nem sempre oferecem a aplicação prática.

Um terceiro problema deve ainda ser referido: o da própria natureza da pesquisa. Nem sempre é possível fazer a pesquisa de maneira acadêmica, isto é, sob dupla perspectiva: treinamento e formação do pessoal e obtenção do conhecimento de uma realidade objetiva a ser analisada sob diferentes ângulos. É a chamada pesquisa acadêmica ou desinteressada que seria justamente a função realizadora das Universidades. Ao contrário, o que sempre interessa, ou o que procura fazer-se, é a pesquisa chamada aplicada ou orientada, isto é, cujo objetivo é conhecer um problema antecipadamente traçado a fim de que se obtenham elementos válidos para aplicação futura de soluções políticas ou administrativas. É o que se tem desenvolvido sobretudo com os problemas de planejamento, quando as pesquisas sociais objetivam o encontro de determinados aspectos de uma realidade. Não é desinteressada no sentido de que esta visa antes a abordagem de uma situação com treinamento e formação do pessoal, e com a revelação do que é o elemento estudado.

